

## V

### Fórmias verbaes Comparação da conjugação latina com a portugueza

Antes de apontar o etymo das fórmias de *conjugação presente* cumpre relacionar as perdas da conjugação latina: o futuro foi substituido por periphraise; perdeu-se o imperativo em *to*; as fórmias pessoaes empobreceram em variedade; o *imperfeito do subjunctivo* só persistiu em portuguez (e em raros dialectos) sob a fóрма que conhecemos com o nome de *infinito pessoal*.

A etymologia das fórmias verbaes portuguezas encontra-se no latim, excepto em alguns casos, em que houve formação original no seio da propria lingua. Consideraremos as conjugações regulares em *are*, *ere* e *ire*. A conjugação em *ar* provém dos verbos latinos em *are*: amar (*amare*), estar (*stare*). A conjugação em *er* provém de duas fontes da conjugação latina em *ere* longo: jazer (*jacere*), e em maior numero de verbos em *ere* breve: fazer (*facere*), dizer (*dicere*). A conjugação em *ir* provém de verbos em *ire*: vir (*venire*), e de alguns verbos em *ere* breve: conduzir (*conducere*), cair (*cadere*).

Cumpre notar que estas divergencias de origens só se fazem sentir comparando o portuguez actual com o latim classico. No latim barbaro, porém, já apparecem confusamente as fórmias *immergere* e *immergire*, *conducere* e *conducire*. A quarta conjugação tornou-se mais numerosa pela affluencia de verbos em *ire*. Por outra parte, *fazer*, *dizer*, derivam, não de *facere*, *dicere*, mas de *facere*, *dicere*; ao mesmo tempo note-se que os vestigios *far*, *dir* (em *far-ei*, *dir-ei*) derivam do infinito forte *facere*, *dicere*. (1)

---

(1) São raras as analogias em *ere* de verbo de outros typos: *mejare* por *mejera* (mijar). Na linguaagem moderna e litteraria: entretanto, os neologismos são todos ou quasi todos da primeira conjugação, como os verbos em *izar* e outros.

O presente representa os typos originarios com sensivel fidelidade: Eis as fórmias comparadas do latim e portuguez:

PRIMEIRA CON- JUGAÇÃO (1. <sup>a</sup> latina)		SEGUNDA CON- JUGAÇÃO (2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> latinas)		TERCEIRA CON- JUGAÇÃO (4. <sup>a</sup> latina)	
Am-o	<i>Am-o</i>	Dev-o	<i>Deb-eo</i>	Sint-o	<i>Sent-io</i>
Am-as	<i>Am-as</i>	Dev-es	<i>Deb-es</i>	Sent-es	<i>Sent-is</i>
Am-a	<i>Am-at</i>	Dev-e	<i>Deb-et</i>	Sent-e	<i>Sent-it</i>
Am-amos	<i>Am-ámus</i>	Dev-emos	<i>Deb-émus</i>	Sent-imos	<i>Sent-ímus</i>
Am-ais	<i>Am-átis</i>	Dev-eis	<i>Deb-étis</i>	Sent-is	<i>Sent-ítis</i>
Am-am	<i>Am-ant</i>	Dev-em	<i>Deb-ent</i>	Sent-em	<i>Sent-íunt</i>

Na terceira pessoa de ambos os numeros cae o *t* final: *ama* (amat), *amam* (amant). Esta apócope explica-se, por isso que a lingua, por indole propria, repelliu as terminações em consoantes que não sejam *l*, *r*, *s*, ou nasal.

Na segunda pessoa do plural houve syncope do *t*: *amais* (ama-t-is). Esta quédia foi precedida por simples abrandamento em *d* no portuguez antigo: *amades*, *devedes*, *sentides*. A transição do latim para o portuguez foi gradual: *amatis* (latim); *amades* (portuguez antigo); *amaes* (lingua actual).

D'este *d* existem vestigios nos verbos de pequena extensão: *vindes*, *ledes*, *tendes*, etc.

Do presente são dignas de nota as fórmias archaicas: *soio* (soleo), *senço* (de sentio), *dormio* (dormio).

O imperfeito tambem se origina do latim: *amava*, de *amabam*; *devia*, de *debebam*; *sentia*, de *sentiebam*. A quédia do *b* (*sentia*, de *sentie-b-am*) é uma syncope vulgar, como se vê em *cubitus*, côbo; não se realizou em *amava* (de *amabam*), porque o resultado seria um hiato: *amá-a*.

Convém notar que no imperfeito houve deslocação do accento nas pessoas do plural: amavamos (de *amabamus*), sentiamos (de *sentiebamus*).

No espanhol não houve deslocação do accento: *amabamos*. O italiano conserva mais fielmente as fórmas do imperfeito: *temeva* (temia).

O perfeito, onde houve maiores alterações, origina-se das fórmas: amei, de *amavi*; devi, de *debivi* (por *debui*); e senti, de *sentivi* (por *sensi*). As fórmas foram-se modificando gradualmente:

<i>Amavi</i>	<i>amaui</i>	amei
<i>Debivi</i>	<i>debivi</i>	devi
<i>Sentivi</i>	<i>Sentiii</i>	senti

Estas fórmas são regulares. Em certos casos, na formação do perfeito, succedeu a metathese: houve, de *habui*, depois *haubi*; jouve, de *javi*, depois *jauvi*; teve, de *tenui*, depois *teue*.

No plural, a desinencia representada por *am* (*pediram*) teve diversos valores phoneticos e orthographicos: foro, forum, foram; chamaro, chamarom, chamaram.

O perfeito do typo *dedi* formou no romanico uma corrente analogica (*ostendedit*, *spondedit*) que não teve importancia especial no portuguez.

O mais-que-perfeito origina-se igualmente de fórmas latinas: amára, de *amaveram*; devêra, de *debeveram* (*debueram*); sentira, de *sentiveram* (*sensiveram*).

Houve deslocação de accento no plural: amáramos, de *amaveramus*.

O futuro tem etymologia puramente romanica. O futuro é um composto do verbo *haver* e do verbo principal:

Amar-ei	amar+hei	<i>amare habeo</i>
Amar-ás	amar+has	<i>amare habes</i>
Amar-á	amar+ha	<i>amara habet, etc.</i>

O futuro simples latino perdeu-se e deu origem ás ditas fórmas em varias linguas romanas: *amero* (italiano), *aimerai* (francez), etc. (1)

(1) O futuro do typo *amare-habeo* ao parecer de Meyer-Lübke foi uma creação de ordem literaria, embora muito antiga. Leo Spitzer não é deste parecer. E' facto, porém, que o povo ainda hoje não se accommoda ao uso do futuro e prefere o pre-

O subjunctivo do presente seguiu o typo latino nas fôrmas e na accentuação: ame, amemos (*amem, amemus*); deva, devamos (*debem, debeamus*); sinta, sintamos (*sentiam, sentiamus*).

O subjunctivo do imperfecto não deriva do mesmo tempo latino (*amarem, deberem*), nem ainda do perfeito (*amaverim, debuissim*), mas origina-se do mais que perfeito: amasse, de amavissem; devesse, de debevissem (*debuissim*); sentisse, de sentivissim (*sensissim*).

Houve deslocação do accento no plural: amássemos, de amavissemus.

O subjunctivo do futuro ameaçou confundir-se com o infinito portuguez: amar, dever, sentir. Em alguns casos nota-se differença evidente:

Futuro —	<i>Vier</i>	Infinito —	<i>Vir</i>
	<i>Trouxer</i>		<i>Trazer</i>
	<i>Der</i>		<i>Dar</i>
	<i>Vir</i>		<i>Vér</i>

Essas divergencias resultam da derivação do perfeito *vim, trouxe, dei*; de sorte que o futuro, no subjunctivo, deve ser explicado pelo futuro anterior, indicativo do latim.

Recapitulando, veremos que se perderam o futuro simples (*amabo*) do indicativo; o imperfecto (*amarem*, que passou a infinito pessoal), e o perfeito (*amaverim*) do subjunctivo, e as terceiras pessoas do imperativo (*amato, amanto*). Em compensação, a lingua adquiriu grande numero de fôrmas analyticas ou compostas (*tenho, tinha, tivera, tivesse amado*, etc.) e creou duas flexões originaes: o futuro (*amarei, de amar-hei*) e o condicional (*amaria, de amar-hia ou havia*). (2)

sente: *saio* ou *vou sair, digo* ou *vou dizer*. Não é menos certo que a antiguidade das formas em *ei, ás* (*cantarei, cantarás*) *querrei* (*quererei*) etc. é talvez a unica razão dessa contenda.

“O romanico esqueceu completamente o futuro latino, não certamente por motivos de forma, visto que pelo menos o futuro em *-bo* não coincidia com nenhum outro tempo, mas porque a maneira de pensar do povo refere a acção futura á actualidade...” M.-Lübke — *Introd.*

Leia-se o substancioso commentario que a este proposito fez Leo Sptitzer — *Aufsaetze z. rom. Syntax.*, 173.

(2) Para maior conhecimento da materia, leia-se a memoria de J. Cornu na *Encyclopedia* de Groeber e a *Gramm. hist.* de J. J. Nunes, a *Introd. ao estudo da glott.* de Meyer-Lübke (trad. port).

## FORMAS NOMINAES

O **infinitivo** portuguez deriva do infinitivo latino. O infinitivo em *ar* deriva do latim *are*: amar, *amare*; quebrar, *crepare*.

O infinitivo em *er* deriva, não só dos verbos em *ere longo*, mas tambem dos verbos em *ere breve*: *jazer*, de *jacere*; *dever*, de *debere*; *fazer*, de *facere*; *dizer*, de *dicere*. O infinito em *ir* deriva de verbos em *ire* e em *ere* latinos: *arguir*, de *arguere*; *atribuir*, de *attribuere*; *cair*, de *cadere*; *parir*, de *parere*; *vir*, de *venire*; *vestir*, de *vestire*. Vimos já essas varias affluencias analogicas.

O **infinito pessoal**, tão difficil de explicar, foi uma appropriação do imperfeito do subjunctivo latino: *amarem*, *debentem*, *vestirentem*, que, de facto, desappareceu nas linguas romanas, excepto no portuguez (e no dialecto sardo), onde se conservou até o seculo XVI.

Na *Decada* I (1. 7. 2) de João de Barros:

Leixaram-se estar até *que*, a custa de seu dano, *verem* que os mouros lhe diziam verdade.

Em Fernão Lopes:

Non minguava quem *responder* (respondesse)  
faltava quem lho *contradizer*.

No latim barbaro do portuguez ha os exemplos dignos de nota:

placuit ut *venderem*  
placuit ut *venderemus*

Ainda é phrase corrente — não sabia *que fazer* = que fizesse. (1)

---

(1) Substancia e exemplos da materia foram tomados á notavel carta de Carol Michaëlis ao dr. José Maria Rodrigues a quem se deve a solução do problema do *infinito pessoal*. *Acad. das Sciencias de Lisboa*, *Boletim da 2.<sup>a</sup> Classe*, vol. XII pg. 312.

O gerundio representa o typo do gerundiô latino em ablativo: amando, de amando; devendo, de debendo, etc.

---

O participio latino do presente foi conservado como simples adjectivo: amante. O participio do futuro desapareceu, deixando alguns vestigios; morredouro (*moriturus*); vindouro, casadeira (*casadura*), mandadeira (*mandadura*).

O supino desapareceu.

Os participios preteritos da 2ª conjugação em *er* tinham antigamente a desinencia *udo*: estabelecudo, escondudo, entendudo, mettudo, perdudo, vendudo, devudo, desfallecudo, creudo, conoçudo, cognoçudo. Entre essas fórm. convém notar que hoje pertencem á 3ª conjugação ou á 1ª: entendudo, espantudo, adduzudo, addudo (*additus*), onjudo (*ungido*), etc. Todas essas fórm. se acham no *El.* de Viterbo. Os vestigios actuaes são teúdo, conteúdo, manteúdo.

#### VOZ PASSIVA

A voz passiva portugueza formou-se analyticamente da conjugação composta do verbo *ser* e do participio preterito do verbo principal: *ser amado, serás amado*, etc.

As fórm. passivas simples do latim perderam-se no portuguez, excepto duas: o participio perfeito, amado (*amatus*), devido (*debitus*), etc., que é um verdadeiro adjectivo, e o participio do futuro, que foi adoptado na lingua litteraria como substantivo: *examinando* (o que ha de ser examinado), *doutorando* (o que ha de ser doutorado).

Esta funcção de participio passivo do futuro ainda se nota em palavras de terminação *enda*: *fazenda, agenda, adenda, corrigenda*, etc.

---

## VI

### Verbos irregulares

Os verbos que de ordinario se chamam *irregulares*, são os que obedeceram ao principio etymologico da filiação historica ou soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptiveis como quaesquer vocabulos.

Ha diversas classes de irregularidades verbaes, que analysaremos individualmente. Mas, tanto nos regulares como nos irregulares, o grande factor é a *analogia*, que buscou uniformizar as conjugações.

#### 1.<sup>a</sup> CLASSE — VERBOS DE FLEXÃO FORTE

Alguns verbos portuguezes conservam a *flexão forte* do latim, e por isso tornaram-se irregulares em relação aos paradigmas.

As flexões fortes latinas principalmente conservadas foram:

a) O *infinito*. — As fórmulas da terceira conjugação em *ere* conservaram em alguns casos, como foi dito, a accentuação primitiva: *far* (facere), *dir* (dicere), *trar* (trahere), *quer* (querere), *por* (ponere); estas formas observam-se no futuro simples e condicional:

far-ei	far-ia
dir-ei	dir-ia
trar-ei	trar-ia
por-ei	por-ia
<i>arch.</i> querr-ei	querr-ia

b) O preterito perfeito. — O preterito perfeito latino deu formações irregulares do portuguez, por quéda ou assimilação:

disse, dixé	<i>dixi</i> — <i>diche</i> — disse
fiz	<i>feci</i> — <i>fiji</i> —
trouxe, trouxe	<i>traxi</i> — <i>troxi</i> ( <i>pron. trouxe</i> )
vi	<i>vidi</i> — <i>vii</i> —
vim	<i>veni</i> ( <i>venivi</i> ) — <i>vêi</i> , <i>veï</i> .

Ou, por metathese:

houve ( <i>haube</i> )	<i>habui</i>
poude ( <i>pude</i> )	<i>potui</i>
soube ( <i>sube</i> )	<i>sapui</i>
puz ( <i>ant. puge</i> )	<i>posui</i>

Existem outras fórmãs que estão archaicas, como *jouve* (de *jazer*), *resposse* (de *responder*), *addusse* (de *adduzir*).

c) Presente. — Os tempos do presente deixaram vestígios dos numeros de suas flexões:

digo	<i>dico</i> .
diga	<i>dicam</i> .
faça	<i>facio</i> .
jazo	<i>jacco</i> .
trago ( <i>hesp. trajo</i> )	<i>traho</i> .
vejo ( <i>vêo</i> )	<i>video</i> .
venho	<i>venio</i> .
penho	<i>pono</i> ( <i>poneo</i> ).
valho	<i>valeo</i> .

Note-se a presença do som ç nas transformações analogicas derivadas de *tio*, *dio*, etc.

meço, *metior* (*metio*), mido.  
peço, *petio* (de *petire*, por *petere*), pido.  
ouço, *audio*.

## 2.<sup>a</sup> CLASSE — VERBOS DE FLEXÕES MULTIPLAS

Existem verbos que possuem mais de um radical, e são na lingua portugueza: SABER, SER, PODER e IR.



1. **SABER.** — O verbo *saber* deriva com todos os seus tempos de *sapere*. No presente do indicativo, porém, a primeira pessoa *sei* é derivada de *scio*, do verbo *SCIRE*.

2. **SER.** — O verbo *ser* já no latim tem dous radicaes diferentes, nas duas raizes *AS* (*esse*) e *FU*. D'ahi as fórmãs:

√*AS* — *sou* — *sum*, etc. (*som*, *soo*, *sou*)

√*FU* — *fôra* — *fuera*.

No portuguez, a estas fórmãs juntou-se um novo radical, *sedere* (estar sentado), que deu origem a varias flexões:

<i>seja</i>	—	<i>sedeam</i> .
<i>seret</i>	—	<i>sedere</i> — <i>habeo</i> .
<i>ser</i> ( <i>seer</i> )	—	<i>sedere</i> .

São derivadas de *sedere* as fórmãs antigas ou populares *sêdes* e *sodes* (*sedetis*, por *estis*), *sente* (*sedentem*), *seia* (*sedebam*, por *eram*), etc. (1)

3. **PODER**, como sendo em latim um derivado de *ESSE* (*posse=potis-esse*, *ser* poderoso), contém naturalmente as duas raizes *AS* e *FU*:

√*AS* — *posso* (*pos-sum*).

√*FU* — *pude* (*pot-ui*).

4. **IR.** — O verbo *ir* em portuguez contém tres radicaes, o do verbo *ire*:

<i>Ir</i>	—	<i>ire</i>
<i>Ia</i>	—	<i>ibam</i>

O radical *fu*, que é o mesmo do verbo *ser*:

<i>fui</i>	—	<i>fui</i>
<i>fôra</i>	—	<i>fuera</i>

(1) J. J. Nunes notou exemplos antigos de *eras* (por *és*) natural influxo do castelhano *eres*: “O’ frei Mausen tu *eras* mui soberboso” “Se *eras* morto vai e quebranta-o.” Da *Chronica dos frades menores*.

O radical do verbo *vado*, que apparece em varias fórmãs:

Vou	—	<i>vado</i>
Vá (vaia)	—	<i>vadam</i>

Cumpre notar que o subjunctivo latino *eam, eat*, deixou vestigio na expressão interjectiva *eia=vá*.

Tambem é de bom uso no indicativo presente a fórmula *imos* por *vamos*.

### 3.<sup>a</sup> CLASSE — IRREGULARIDADES PHONETICAS

“Os valores prosodicos, especialmente no que diz respeito á accentuação, soffrem differentes modificações dignas de analyse.

I. — Não ha flexão verbal *proparoxytona* (*esdruxula*); *prepare, preparei, magôa, maguaes, matricule*, etc.

As fórmulas *esdruxulas* latinas ou desviaram o accento (*invóco*, de *invoco*), ou soffreram transformações que encurtaram o vocabulo: *valho*, de *valeo*; *venho*, de *venio*; e os arch. *considro*, de *considero*; *arço*, de *ardeo*. (Gil Vicente.)

II. — A vogal ou diphthongo da penultima syllaba do presente impessoal infinito dos verbos polysyllabos, quando recebe o accento tonico (a saber: nas tres pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e conjunctivo, e no singular do imperativo), está sujeita ás seguintes modificações:

Na primeira conjugação:

1) *a* oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *a* aberto: *lavar, lavo*.

Quando é seguido d'aquellas consoantes, conserva-se: *chamar, chamo; sanar, sano; apanhar, apángo*.

2) *e* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *e* aberto: *encetar, encéto; concertar, concérto*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *ejar, echar* ou *elhar*, bem como no verbo *chegar* e seus compostos, e no verbo *pezar*, na accepção de desprazer, passa para *e* fechado: *algemar, algêmo; ordenar, ordêno; empenhar, empênho; desejar, desêjo; fechar, fécho; ajoelhar, ajoélho; chegar, chêgo; conchegar, conchêgo; pezar, pezame*. (Exceptua-se o verbo *invejar*, em que passa para *e* aberto *invéjo*.)

Nos verbos terminados em *ear* passa para *ei*: *nômear*, *nomeio*. Em *crear*, porém, passa para *i*: *crio*; mas nos compostos passa para *ei*: *procrear*, *procreio*; exceptuando *recrear* (na accepção de tornar a crear).

3) o surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para o aberto: *tocar*, *tóco*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *oar*, passa para o fechado: *assomar*, *assômo*; *abonar*, *abôno*; *sonhar*, *sônho*; *perdoar*, *perdôo*. Exceptuam-se os verbos *tomar* e *domar* e os seus compostos, nos quaes passa para o aberto: *tômo*, *dômo*.

4) o oral fechado passa para o aberto: *soltar*, *sólto*.

5) *ai* com a fechado passa para *ai* com a aberto: *desmaiar*, *desmaio*.

6) Nos verbos em *iar*, o *i* conserva-se tanto na pronuncia como na escripta: *copiar*, *copio*.

Todavia, em um pequeno numero de verbos, é permitido passar o *i* para *ei*. Taes são os verbos *diligenciar*, *negociar*, *odiar*, *premiar*. (1)

### III. — Na segunda conjugação:

1) *a* oral fechado passa para *a* aberto: *abater*, *abato*.

2) *e* surdo passa para *e* fechado na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *gemer*, *gemo*, *gema*, *gemas*, *gemam*; e para *e* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *gemes*, *geme*, *gemem*.

---

(1) Em particulas não se faz esta mudança em *adiar*, *afiar*, *alliar*, *alumiari*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *variari*. "E" questão de uso, porque seria melhor dizer e ainda se diz: *negacio*, *diligencio*.

Em qualquer caso, as terminações *ear* e *iar* criaram diversas analogias em *ia* e *eia*, que reclamam detido exame. Parece que o influxo da nasal se faz no sentido da terminação *eia*: *penitencia*, *reverencia*, *diligencia* de que ha exemplos nos classicos. Os monosyllabos indicam a terminação *ia*: *fia*, *lia* (de *liar*), *pia*.

A razão que presuppõe a terminação *ear* para as *desinencias* em *eia* é completamente inutil, pois que *ear* e *iar* soam identicamente: *passear* e *copiar*.

3) o surdo passa para o fechado nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e fechado: *comer, como, coma, comas, comam*; e para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e aberto: *come, comes, comem*.

4) o oral fechado passa para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e aberto: *volve, volve,olvem*.

#### IV. — Na terceira conjugação:

1) a oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *n̄h*, passa para a aberto: *abrir, abro*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, conserva-se fechado: *ganir, gano*.

2) e surdo passa para *i* na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *despir, dispo, dispa, dispas, dispam*; e para e aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *despes, despe, despem*.

Nos verbos *aggređir, denegrir, prevenir, progredir, remir, transgredir*, a vogal da penultima syllaba do presente do infinito impessoal passa para *i* todas as vezes que é accentuada: *aggrido, aggrides, aggride, aggridem*.

3) e fechado (oral ou nasal) passa para *i* nas mesmas pessoas em que e surdo passa para *i*: *sentir, sinto, sinta, sintas, sintam*. (Nas outras pessoas conserva-se: *sentes, sente, sentem*.)

4) o surdo passa para *u* nas mesmas pessoas em que e surdo passa para *i*: *dormir, durmo, durma, durmas, durmam*; e para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para o aberto: *dormes, dorme, dormem*.

Nos verbos *sortir, ordir e cortir*, o o passa para *u* em todas as pessoas em que é accentuado.

5) u oral passa para o aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e no singular do imperativo dos seguintes verbos: *acudir, bullir, consumir, cubrir*, ou antes, *cobrir e descobrir, cuspir, destruir, engulir, fugir e refugir, sacudir, subir, sumir, tussir*.

Em *construir* (e *reconstruir*) alguns fazem esta mudança e dizem *constross, constroe, constroem*; é melhor, porém, conservar o *u* e dizer *construes, construe, construem*.

6) Na terceira conjugação, a vogal da penultima syllaba do presente impessoal infinitivo, sendo e fechado, e ou o surdos, experimenta tambem na primeira pessoa e na segunda

do plural do presente do conjunctivo a mesma modificação a que está sujeita nas tres pessoas do singular e na terceira do plural d'esse tempo: *ferir, fira, firas, fira, firamos, firaes, firam.*” (1)

#### 4.<sup>a</sup> CLASSE — IRREGULARIDADES, ORTHOGRAPHICAS

A necessidade de conservar a mesma prosodia nas varias flexões do verbo modifica a orthographia. Assim, os verbos que possuem os sons fortes *gar* e *car* da terminação, tomam a orthographia *gue*, *que* quando é necessario: *peccar, pequei, peque; ficar, fiquei.*

Os verbos que têm a terminação branda em *ger*, *gir* e *cer* mudam nos casos necessarios o *g* em *j* e o *c* em *ç*:

fallecer — *falleça.*

reger — *rêjo.*

dirigir — *dirija.*

---

(1) Estas observações extrahimol-as *ipsis-verbis* da excellente *Gramm.* de Epiphanio Silva, que por ser portugueza consigna a prosodia européa ou verdadeira da lingua. A prosodia brasileira só em parte obedece a essas regras, e quasi de todo se não observam aqui no que respeita aos valores de *á* e *ó* antes de nasal.

---

## VII

### Palavras invariáveis

A etymologia das palavras invariáveis é, em geral, latina. Muitas d'ellas são de formação romana, posterior ao latim culto. Algumas derivam de elementos estranhos.

#### Dos adverbios :

De logar. *Alhures*, do lat. *aliorsum* (pronunciado *aliorum*); a fôrma *algures* soffreu a influencia de *algo* (*aliquis*).

A fôrma *hic* latina produziu *hi*, e com a junção de outras: *ahi* (*ad+hic*), *aqui* (fr. ant. *iqui*, *hic+hic*).

A fôrma *ahi* corresponde ao francez *y*; de *hic*, *hoc*, *hac* repetidos, formaram *aqui*, *acó*, *acá*. A fôrma *aquó* archaizou-se, persiste em *acoli* e *acá*; existiu em *acajuso* (abaixo) e *acásuso* (em cima). Da fôrma *acá* existe o segundo elemento *cá*.

*Alli* provém de *ad+allic*.

*Allá* (archaico) de *ad+illac*. A fôrma *lá* ainda existe.

*Arriba* vem do latim *ad+ripan*, para a praia.

Foi formado com o francez *aval* (*advallem*).

*Além*, de *alli+ende*, esp. *allende* (L. Vasconcellos).

**Adverbios de tempo.** — Agora, de *hac+hora*; hoje, de *hodie* (*hoc die*); logo, de *loco*; hontem, de *ad+noctem* (no espanhol *anoche*, no portuguez antigo *ooyte*) (1); sempre, de *semper*; nunca, de *nunquam*.

Muitas fôrmas são de criação vernacula: *outr'ora* (*outr'hora*); *ante-hontem*; *d'ora em diante*; *depois de amanhã*; *ainda ha pouco*, etc.

**Adverbios de modo.** — Os adverbios em *mente* derivam de adjectivos femininos em concordancia com o substantivo

---

(1) A etymologia de *hontem* não está averiguada. Tem sido propostas as origens *hanc-noctem*, *hodie-ante*, ou sómente *ante*.

*mente*, e representam o ablativo latino: boamente, de *bonamente*; *obscuramente*, *precisamente*.

Assim, de *ad+sic*; bem, de *bene*; mal, de *male*.

Os adjectivos da fôrma neutra no latim e no grego podiam servir muitas vezes de adverbio. D'ahi a tradição mantida na nossa lingua de adverbial adjectivos: *baixo*, *alto*, *serio*, comprar *caro*, etc.

**Adverbios de quantidade.** — Cerca, do lat. *circa*; quasi, do lat. *quasi*; assaz, do lat *ad+satis*; pouco, do lat. *paucio*; *muito*, do lat. *multo*.

O adverbio *nada* deriva do adjectivo feminino *nata*. Res *nata*, cousa nascida, creação. O francez antigo possuia *rien* e *née*, e depois *rien* exclusivamente. O portuguez perdeu o elemento *ren* e conservou o adjectivo *nada*, que, por contágio, ganhou a função do antigo elemento a que vinha junto.

**Adverbios de affirmativa.** — Sim, do lat. *sic*; não, do lat. *non*; talvez, do portuguez *tal+vez* (*talvice*); jámais, do portuguez *já+mais* (*jam+magis*).

A fôrma *quicá* talvez provenha do italiano *chi sa*. A fôrma antiga era *quicais*.

Entre os adverbios de tempo convém recordar, por interessantes, os archaismos: *hogano* (*hoc+ano*), *entano* (*ant+ano*); hoje ainda *antanho*, só usado por literatos archaizantes.

O adverbio *debalde* é de origem desconhecida ou obscura.

Os adverbios em *mente* formam-se do adjectivo feminino: de *bello*, *bellamente*, etc. Acontece, porém, que muitas vezes se usa da fôrma feminina archaica. Assim, não se diz de *mão*, mámente, porém, *malmente*; o elemento *mal*, contracto *mala=amá*.

O adverbio affirmativo *amen*, usado nas orações religiosas, deriva do hebraico *aman*, no passivo *amen*, ser verdadeiro ou constante.

### Preposições.

As etymologias das preposições ou são latinas ou formaram-se no dominio romano, depois da dissolução do latim.

Latinas: de, de *de*. Com, de *cum*. Entre, de *inter*. Em, de *in*. Por, de *per*. Sem, de *sine*. Sobre, de *super*. Sob, de *sub*. Contra, de *contra*. Antes, de *ante*.

Romanas: acerca, de *ad+circa*; após, de *ad+post*; depois, de *de+post*; adiante, de *ad+de+ante*; des, dês, de *de+ex*;

desde, de *de+ex+de*; dentro, de *de+intra*; para, de *por a, per+ad* (antigo port. *pera*).

*Aquem* foi por analogia formado á maneira de *além* (aliunde, a-li-ende).

A preposição *até* é composta de *a* (*ad*)+*té*, (*tenus*), no antigo portuguez *atém* (Viterbo).

*Atras* deriva de *ad-trans*.

Ha preposições que se originam de adjectivos: *excepto, salvo*. Ha outras que se originam de verbos: *durante, não obstante, mediante, tocante, etc.*

No latim a fórma *secundum* deriva de *sequor*, e é preposição e nome de numero.

*Perto* é talvez um adjectivo antigo.

As conjuncções foram originadas do latim:

E, de *et*; mas, de *magis*; nem, de *nec*; ora, do substantivo *hora*; pois, de *post*; logo, do substantivo *loco*; já, de *jam*; porém, de *per-inde* ou *pro+inde* (antigo *por+ende*); quando, de *quando*; como, de *quomodo*; que, de *qui* (em logar de *quam*), etc.

Ha outras conjuncções formadas por composição vernacula: logo que, supposto que, porque, afim de que, por consequencia, todavia (*tota-via*), pois que, etc.

O archaismo *car* (porque) deriva do latim *quare* (qua+re). A fórma *ende* (ainda, *inde*) permanece na lingua com fórma *em* nas seguintes expressões:

em que péze a F.

— ende que péze a F.

— ainda que péze a F.

Em rigor as interjeições deveriam escapar a analyse etymologica, pois que representam gritos espontaneos.

E isto é o que succede, quando se busca a etymologia de interjeições simples, communs a quasi todas as linguas — ah! eh! ui! oh! ih! olá!

As interjeições improprias acham sua origem em varios vocabulos que se perderam ou se desviaram de sua categoria grammatical:

*Verbos*: Safa! viva! salve! basta!

*Particulas*: Avante! acima! fóra!

*Nomes*: Adeus! silencio! coragem!



Entre as interjeições, notemos *guai!* que parece o celtico *guai!* ou a transcrição gothica do *væ!* latino.

Em *ák-d'El-Rei!* (e não *aqui-d'El-Rei!*), a interjectiva senão latina, é provavelmente a imprecativa celtica: *ák*.

A interjeição *oxalá!* é arabe e deriva de *insh'allah!* queira Deus! (1)

---

São numerosissimas as particulas que se archaizaram. Citemos aqui: *ante*, *perdante*, *en* e *ende*, *alende*, *aquende*, *foras*, *apar*, *après*, *preto* (perto), *ieri*, *eire*, *cras*, *cóte*, *cótio* (cada dia), *pós*, *ensembra*, *aduras*, *azinha*, *chus* (mais), *avondo* (bastante), *hu* (onde), *hulo?* (onde o), *nega* ou *nego* (senão), *anvidos* (contra a vontade), *juso*, *suso* (abaixo e acima), *i* e *hi* (ahi), *alquando*, etc. Extr. da *Gramm. histor.* de J. J. Nunes, que, citando o archaismo *sicaes* ou *se quaes*, occorrente em Gil Vicente, lhe dá o etymò por metathese de *quigá* ou *quicaes* (*quid sapit* ou *sapis*).

---

(1) Diez e Littré notaram que as formas do plural de alguns adjectivos (*nimis gratis*) crearam nas linguas romanas a tendencia de dar fórma pluralizada aos adverbios. E' o que se nota no italiano *volontiere*; no francez *certes*, *hors*, *jusques*; no espanhol *entonces*, etc.

A mesma tendencia encontra-se no portuguez da plebe: *aindas*, *porens*, mesmo até nos adverbios em *mente*: *seguramentes*, *certamentes*.

A respeito de *Ak*, veja-se o que escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 167, onde reformo e corrijo este modo de vêr.

---



# SEMANTICA

